

# ENTRE O COSMOS E O CAOS: A DINÂMICA DO SANTUÁRIO METROPOLITANO DE FÁTIMA EM FORTALEZA-CE

**Autores:** Tiago Vieira Cavalcante – UFC – [tiagogeografia@yahoo.com.br](mailto:tiagogeografia@yahoo.com.br)

Christian Dennys Monteiro de Oliveira – UFC – [cdennys@ufc.br](mailto:cdennys@ufc.br)

## Considerações iniciais

Como muito bem têm delineado os geógrafos, assim como grande parte dos cientistas sociais, o mundo passa por sumárias mudanças. Relevantes a ponto de exercerem grande influência nos indivíduos no que cerne as suas práticas sociais, culturais e certamente espaciais.

A globalização/mundialização, as interferências do desenvolvimento dos meios técnico-científicos-informacionais, fazendo uso de termo idealizado por Milton Santos, no cotidiano das pessoas, a fragmentação dos espaços e dos indivíduos ante o poderio cada vez mais pífio do Estado diante de uma transnacionalidade de instituições laicas e/ou religiosas que possuem regras pouco claras, porém eficientes e eficazes, como indica Dollfus (1993), têm delineado formas diferenciadas de se ver e perceber o espaço-mundo, o planeta Terra.

De acordo com Claval (1999), este ideário ganha força principalmente a partir da queda das filosofias da História. Metanarrativas que diante dos problemas e interrogações que o mundo propunha, tentavam abarcar o todo, estimar respostas gerais mesmo quando este todo ainda, nem mesmo geograficamente, era bem conhecido, explorado e até mesmo pensado.

Nesse contexto, as escalas geográficas (grandes escalas) que percebem as particularidades, especificidades calcadas na etnografia com que, por exemplo, Clifford Geertz (1989) trabalhava, ganham maior sentido para entendimento do mundo contemporâneo, por muitos, denominado de pós-moderno e que, exatamente por possuir características diferenciadas, uma verdadeira quebra do paradigma iluminista de conceber o mundo, necessita de novos modos de compreensão, cientificidade, observação e apreensão.

É a partir deste ideário que buscamos compreender a dinâmica vinculada ao Bairro de Fátima em Fortaleza, Ceará. Bairro este com nome de santa – Nossa Senhora de Fátima – e cuja via principal é denominada de Avenida 13 de maio. Território de um dos santuários/paróquias de maior importância religiosa da cidade que, no 13º dia de cada mês, é responsável pelo deslocamento de grande número de pessoas para seus arredores e interior, especialmente, nos meses de maio e outubro, tomando conta de grande parte da avenida em atos de procissão e fé.

Levando em consideração os pontos que Rosendahl discute em seu livro *Espaço e Religião* (1996), percebemos que não há como deixar de lado uma dinâmica espacial tão relevante para a compreensão da cidade. Uma dinâmica, diria, territorial, onde o sagrado e o profano interagem de forma sincrética e temporariamente flexibilizam e dinamizam o espaço do bairro aqui considerado.

## Contextualização epistemológica

Alguns conceitos foram de suma importância para idealizar a pesquisa. São eles que delineiam o caminho epistemológico a ser seguido, assim como o modo de se perceber o recorte espacial escolhido.

Prigogine, por exemplo, é inspiração para geógrafos como Souza (1997) ao apresentar o conceito de caos vinculado ao paradigma da complexidade, paradigma este trabalhado por Edgar Morin, autor este comumente abordado por geógrafos quando a questão é o não reducionismo, paradigma da simplificação, na compreensão do recorte espacial escolhido, o qual dialogicamente, será trabalhado junto ao conceito de cosmos.

Dito laconicamente, o paradigma da complexidade romperia com os raciocínios lineares e reducionistas, incorporando um enfoque que busca interações complexas (...), além de admitir que não apenas a necessidade (determinante), mas igualmente o acaso (a contigência, o inesperado) são definidores da dinâmica do mundo real. (SOUZA, 1997, p. 47)

Dentro desse contexto, conceitos como o de ordem e desordem, trabalhado por Souza (idem) e sagrado e profano, tomado por Rosendahl (1996, 1997, 2001, 2003) na Geografia são referência, por clarificarem a espacialidade dos lugares religiosos, visto o contexto transdisciplinar com o qual corroboram. São relevantes por desenvolverem uma dialógica peculiar. Rosendahl (1997) por exemplo, ajuda-nos quando esclarece:

[...] defini-se o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. (...) é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada “deuses” nas religiões politeístas e “Deus” nas monoteístas. (p.122)

Nesse sentido fica claro o porquê de adequarmos a dialógica ordem/desordem à sagrado/profano. O sagrado (santuário) para o religioso é a representação da ordem diante de um espaço (a cidade) que representa a desordem profana constituída e, diga-se de passagem, fomentada cada vez mais pelo homem contemporâneo. Rosendahl (Idem) é direta ao afirmar, “a experiência do espaço sagrado se opõe à experiência do espaço profano” (p. 122). Mas por vezes estes também se mesclam, convergem e dificultam sua delimitação.

Sendo a partir dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade, levamos em consideração Peirano (2003) que nos ajuda ao trabalhar, em especial, o conceito de ritual. Para ela o ritual é, “um sistema cultural de comunicação simbólica” (p. 11). Definição esta que nos serve para compreender a dinâmica da festa, esclarecendo, dentro do contexto religioso, o que a festa de Fátima representa em seu sentido ontológico e religioso – no que cerne a religiosidade dos ritos, assim como aos atos inseridos nestes ritos.

No que tange a Geografia, o conceito de território representará nosso recorte. Conceito este que como coloca Souza (2005), representa o jogo de poderes (também políticos) dentro de um contexto espacial. É o caso também da abordagem de Raffestin (1993). Outros autores também se dedicam a trabalhar este conceito a partir de uma abordagem identitária, como é o caso de Claval (1999), ao perceber que o conceito de território tem tido novamente grande importância pelo fato de abordar um recorte que diante do mundo enfrenta, como ele mesmo indica, “a ruínas das filosofias históricas” (p. 24), tendo um nova dinâmica territorial vinculada ao caráter identitário de grupos (re)estabelecidos de regras para além do sentido de Estado-Nação.

Vale dizer que na perspectiva geográfica, trata-se de uma categoria – juntamente com a de lugar –, capaz de fazer-nos trabalhar e compreender o microgeográfico (Gomes, 2001), o microscópico, nos termos de Geertz (1989), assim como a dimensão simbólica do espaço vivido de Éric Dardel (1990).

Nesta categoria acreditamos que os indivíduos, ante as peculiaridades que dão significado ao mundo contemporâneo, constroem, mesmo que momentaneamente – no momento da oração, da concentração sagrada –, um mundo metafísico religioso, seu território altruísta, seu lugar particular. Território flexível pela sacralidade pontual que possui, capaz de se desdobrar em sobreposições territoriais relevantes especialmente nos momentos de festa. Território, de todo modo, sagrado e complexo que se vê cada vez mais intimamente intrincado às incursões do mundo da mercadoria, de um sistema o qual não podemos escapar por fazermos parte dele. Território político, de uma instituição sagrada, mas que nem por isso, em favor de sua difusão, deixa de se desdobrar em atitudes político-territoriais os quais poderíamos denominar de profanas, porque mais políticas do que propriamente sagradas.

É inserido nesse contexto teórico que pretendemos construir nosso trabalho. Fica claro que a dialógica sagrado/profano que analogamente tratamos com a de ordem/desordem, cosmos/caos tem como intuito o esclarecimento da construção sagrada que representa um santuário metropolitano. A festa dos dias 13 de cada mês, especialmente maio e outubro é, para nós, a premissa desta dinâmica, por representar a construção espetacular e ritualística do espaço sagrado em questão. A festa é o fomento das hierofanias (ROSENDAHL, 1997) do santuário de Fátima, inclusive a mais nova hierofania, representada no dia 13 de maio de 2008 pela inauguração da imagem/estátua de Nossa Senhora de Fátima na praça Pio IX, tendo entrado no contexto territorial do santuário.

Sendo assim, pretendemos abarcar a territorialidade ou as territorialidades vinculadas a sacralidade do santuário a partir do entendimento da dialógica sagrado/profano que está contida na festa em um santuário de caráter metropolitano, o santuário de Fátima em Fortaleza – Ce.

### **O contexto do santuário na metrópole Fortaleza**

Um santuário metropolitano caracteriza-se de modo diferenciado, visto que os múltiplos referenciais de uma cidade como Fortaleza – cidade principalmente conhecida pelo seu potencial turístico – diversificam as formas com que um bairro e mais especificamente seu santuário são tomados pela população. Temos um fixo envolto cada vez mais de outros fixos e fluxos a cada dia mais profanos e laicos, como bem delinea Murillo Marx (1989).

Mas não só isso o torna peculiar, como bem indica Oliveira (2001) ao comentar sobre as práticas religiosas diante das transformações urbanas.

A cidade metropolitana, pós-industrial, condensa um complexo cosmopolita de desafios e tensões. O caos urbano conserva a fonte mais valiosa das práticas religiosas de nosso tempo. A violência, o desemprego, os contrastes e abismos socioeconômicos, as drogas, o anonimato, a solidão, o trânsito, as enchentes, o lixo, os blecautes e rodízios, a instabilidade econômica, as catástrofes, enfim, não há modelo melhor de inferno, pois ele contém os mais acessíveis caminhos do céu. (p. 157)

Rodízios à parte, Fortaleza via de regra, em analogia as grandes metrópoles brasileiras, caracteriza-se deste modo. É uma cidade latino-americana de um país dito em desenvolvimento que em detrimento dos problemas sociais, viabiliza crescimentos econômicos que pouco ou nada interferem na vida de grande parte da população que, têm nos territórios sagrados um local de amparo e justamente por isso de afetividade.

O santuário se adequa a tais condições. Trabalhando em rede é cosmopolita tanto quanto a cidade. Instituindo territórios sagrados/simbólicos fixa raízes em um lugar de convergência. Inserido na cidade, é um território sagrado de convergência envolto de elementos profanos.

Todavia, como já sabido, Fortaleza é (ou quer se apresentar como) uma cidade turística, a cidade do sol e do mar. Portão de entrada de inúmeros turistas para o Ceará – cerca de 02 milhões/ano de acordo com dados da SETUR (2007) –, assim como emissora de outros muitos indivíduos que se deslocam, nos termos do turismo religioso, por ânsia cultural e/ou por fé<sup>1</sup>, a caminho de dois grandes centros de peregrinação do estado do Ceará: Canindé de São Francisco das Chagas e Juazeiro do Norte de Padre Cícero.

O santuário de Fátima, no contexto metropolitano o qual se encontra, é ademais esquecido. Não temos aqui uma cidade-santuário (hierópolis), nos termos de Rosendahl (1996). Nos deparamos com o que podemos denominar de “bairro-santuário” corroborando com a realidade também sagrada de outros bairros também santuários<sup>2</sup>, mas que, apesar de tal fato, recebe a população da cidade nos dias 13 de cada mês.

A mídia, como coloca Oliveira (2007) é sua arma profana de fins sagrados. Um instrumento informacional pós-moderno que se adequa as necessidades cidadinas de um santuário que se precisa divulgado, em especial, nos grandes dias de festa – 13 de maio e 13 de outubro – o começo e o fim de uma sacristia que tem sua pedra fundamental em 1917 na ainda localidade de Fátima em Portugal.

Na cidade o santuário tem seu papel. Não é hierópolis, pois a cidade detêm outros equipamentos especializados, outras funções, mas possui sua hierofania. Elemento este que se fortifica com a construção de uma estátua de 14,5 metros de altura que homenageia a santa Maria. O valor não é nada baixo: R\$ 130 mil<sup>3</sup> em nome de Deus e do povo que consome todo o simbolismo que media o mesmo. Ideário de um santuário metropolitano.

### **Duas dinâmicas em um só lugar – o santuário e o bairro (cosmos e caos – ordem e desordem)**

É possível reconhecer o sagrado, não como aspecto da paisagem, mas como elemento de produção do espaço. (ROSENDAHL 1996, p. 38)

Compreendemos santuários como; aqueles lugares considerados sagrados por uma coletividade de devotos, em escala local / regional / nacional, de um ou de vários países e que, via de regra, estão associados a uma hierofania (ROSENDAHL, 2003). Já o bairro atende a uma outra lógica. Esta lógica é laica e esta vinculada ao Estado.

O bairro de Fátima caracteriza-se por ser um bairro de cunho residencial. As construções imobiliárias que hoje se traduzem na construção em especial de prédios avançam com força no bairro, todavia se vê ainda grande número de casas.

Sua via principal é a avenida 13 de maio. Via esta que pela centralidade do bairro carrega um dos maiores fluxos de veículos da cidade, principalmente nos denominados períodos de “pico”, por isso ponto de convergência de fluxo como já

---

<sup>1</sup> Maria da Graça M. P. Santos realiza em seu livro *Espiritualidade, Turismo e Território: Estudo Geográfico de Fátima* de 2006, uma interessante discussão sobre as motivações que levam os indivíduos a visitarem localidades sacro/religiosas.

<sup>2</sup> Outros santuários em Fortaleza podem ser destacados como; os Santuário de São Benedito, de Nossa Senhora da Assunção e o do Sagrado Coração de Jesus.

<sup>3</sup> De acordo com matéria do jornal Diário do Nordeste intitulada, “Igreja de Fátima ganhará estátua” do dia 22 de janeiro de 2008.

havíamos colocado. É nela também onde podemos perceber uma nova estruturação do bairro com a construção de pequenos comércios, padarias, restaurantes, bancos, academias e principalmente pequenas e médias clínicas médicas. Escolas públicas e colégios privados, assim como o Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE, também permeiam o bairro.

Atributos infra-estruturais estes que conferem ao bairro de Fátima a fama de ser um dos melhores bairros para se morar na cidade de Fortaleza. A guisa de explicitação de outros fatores que também permeiam o cotidiano do bairro, vale levar em consideração aquilo que é explicitado na citação que usamos anteriormente de Oliveira, o que caracteriza a cidade como um espaço do caos (desordem).

O mais atento deve estar se perguntando... E onde entra o santuário nessa estória?

Vale dizer que, como coloca Rosendahl, “a reflexão do sagrado envolve a consideração do profano. Ele se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo, não” (1996, p. 27).

O santuário de Fátima, no contexto do bairro é a representação do cosmos (ordem) que os indivíduos em sua plenitude buscam. Sua hierofania é datada do ano de 1952, quando, após percorrer vários países da Europa e estados do Brasil, partindo da Cova da Iria em Portugal, a imagem peregrina de Fátima chega à cidade de Fortaleza.

Sua chegada, ao nosso ver, representa o quanto de sagrado, em determinados momentos, se apresenta o Estado e, o quanto político são os interesses da Igreja quanto a institucionalização de seu território sagrado, haja vista, o fato da imagem peregrina ter sido recepcionada por várias paróquias da capital, escolas, repartições públicas, Palácio do Governo, casas de saúde, hospitais e comunidades religiosas do Ceará e dos Estados vizinhos. Eis que o aspecto simbólico e, as ações laicas não são os únicos delineadores das construções objetivas e subjetivas espaciais. Eles se associam.

Hão aqui de ser considerados também os elementos sociopolíticos lado a lado aos culturais. E é nesse bojo que, um ano mais tarde, já com a construção do santuário pré-finalizada (a estrutura já se encontrava em concreto armado) em um terreno de 01 hectare doado pelo casal Cel. Pergentino Ferreira e sua esposa D. Albertina Ferreira, tem-se a volta da imagem peregrina de Fátima.

A igreja ficou concluída em 1954 com a construção de belíssimo altar em mármore, com a imagem em tamanho natural esculpida em madeira de Cedro pelo mesmo autor da imagem peregrina. Foi doada pela Colônia Portuguesa no Ceará. A sagração do altar aconteceu no dia 13/10/56<sup>4</sup>. Fato este que solidificou a hierofania elaborada para o santuário da avenida 13 de maio. Eis que a ordem enfim chega com grande força ao bairro.

### **Dinâmica ritual: acompanhando as festividades dos dias 13**

As festas do dia 13 em Fátima são de grande relevância religiosa na cidade. Nos dias 13 de cada mês, é responsável pelo deslocamento de grande número de pessoas e, nos meses de maio e outubro de acordo com notícia do jornal O POVO de 14 de maio de 2008<sup>5</sup>, tem deslocado cerca de 80 mil pessoas tomando conta de boa parte da avenida 13 de maio em atos de procissão e fé.

O encerramento da festa de Nossa Senhora de Fátima tem, como tradicionalmente ocorre, uma procissão saindo da Igreja do Carmo, no Centro, e

<sup>4</sup> Mais informações sobre o santuário podem ser encontradas no endereço eletrônico da Arquidiocese de Fortaleza: [www.arquiocesedefortaleza.org.br](http://www.arquiocesedefortaleza.org.br).

<sup>5</sup> A informação pode ser vista no site do jornal O POVO: [www.opovo.com.br](http://www.opovo.com.br).

seguindo em direção à Igreja de Fátima. É neste momento, como indica Peirano (2003), que temos um ritual religioso, um sistema cultural de comunicação simbólica caracterizado por estar em constante mudança. Vale ressaltar, que a procissão só acontece nos meses de maio e outubro.

Podemos nos perguntar: Quais mudanças espaciais e representacionais acontecem no momento da festa, em analogia com os momentos em que ela não acontece?

Nesta perspectiva vale considerarmos o fato da festa atingir outros bairros além do bairro de Fátima, embora seu auge se dê neste, mais especificamente no santuário/paróquia de Fátima. Percebemos, portanto, dois momentos caracterizadores da festa: o primeiro trata-se da procissão e o segundo é em suma o momento da festa que acontece em frente à igreja de Fátima.

O ritual festivo é a preparação daquilo que no santuário será o auge da festa. Os moradores das residências onde a procissão passa se preparam, enfeitam-se, enfeitam a casa e desempoeiram a imagem a muito guardada. As vestimentas brancas são regra e não excessão, os canticos e louvores à Maria não cessam até a chegada da imagem, que é protegida pelo exército – pois todos querem a tocar –, até o santuário. Nesse meio, vendedores, ambulantes buscam “ganhar o dia” vendendo água e refrigerante principalmente aos despreparados. No santuário, muitos esperam a imagem embalados pela música que “trua” no palco montado em frente a igreja. Eis um ritual monumental. Sua monumentalidade, o espetáculo, é mostra de uma profanidade de premissa sagrada. Uma profanidade que espetaculariza o sagrado sem dessacralizá-lo.

Diante da flexibilidade sagrado/profano que envolve a festa, o que pode ser caracterizado como sagrado e o que pode ser caracterizado como profano nos dias de festa (dias 13 de cada mês com ênfase em maio e outubro)?

Em resposta a este questionamento, podemos de antemão admitir que, a flexibilidade territorial entre o sagrado e o profano é perceptível, contudo, complexa, principalmente se levarmos em conta o fato de estarmos tratando de um santuário metropolitano.

Rosendahl (1997, 2003), a partir dos estudos de Mircea Eliade delimita a espacialidade do sagrado e do profano da seguinte forma: o espaço sagrado; o espaço profano diretamente vinculado; o espaço profano indiretamente vinculado e; o espaço profano remotamente vinculado.

Para nós tal percepção um tanto engendradora, contudo eficiente da dialógica sagrado/profano, nos ajuda em dois momentos em especial. São eles: na percepção do espaço sagrado que no santuário de Fátima é a própria materialidade da Igreja e sua hierofania e, na percepção do espaço profano remotamente vinculado, porque cidade grande, metrópole de atividades tão diversas quanto profanas.

Com relação aos outros dois elementos espaciais: o espaço profano diretamente vinculado e o espaço profano indiretamente vinculado, notamos em Fátima o que poderíamos denominar de “*ordem caótica*” ou seja, uma ordem que está vinculada à festividade que ali acontece, pois depende dela, ao mesmo tempo que pela determinação de outros significados, em especial econômicos, o vínculo com o sagrado se desfaz. Fato este dificultador de uma exata construção cartográfica e por conseguinte geográfica. Contudo, se estes dois últimos elementos se mesclam, podem ser cartografados conjuntamente, associados, tendo estes somente que serem analisados de modo mais esmiuçado, etnográfico.

Nesse contexto, os atores, visitantes do santuário são os mais diversos, representando a necessidade de complexificar para compreender a sua dinâmica. Podemos caracterizar em Fátima os seguintes tipos de visitantes:

- O *fiel* - Visita o santuário cotidianamente, independente dos dias de festividade, motivado pela fé;
- O *fiel-excursionista* - Visita o santuário principalmente nos dias de festa onde, no caso de Fátima em Fortaleza, caracteriza-se por ser aquele que vem de localidades próximas, a exemplo de Caucaia, Maracanaú (municípios da região metropolitana de Fortaleza), Quixadá, Canindé (localidades marcadas também por grandes festividades religiosas em seus santuários, no caso, respectivamente, o santuário de Nossa Senhora Rainha do Sertão e o santuário de São Francisco das Chagas) e outros. Este também é motivado pela fé, mas por não estar em seu lugar de origem aproveita o período de festividade para realizar outras atividades. Volta no mesmo dia para o seu local de origem.
- O *fiel-turista* – Possui as mesmas características do *fiel-excursionista*, contudo passa mais de um dia na localidade visitada, no caso, Fortaleza, principalmente em casas de parentes e amigos.
- O *excursionista-fiel* – Visita o santuário motivado pela fé, mas não a tem como objetivo primeiro, deste modo aproveita também o que há de profano no ambiente que denominamos aqui de “ordem caótica”. Volta no mesmo dia para seu local de origem.
- O *turista-fiel* – Possui as mesmas características do *excursionista-fiel*, contudo passa mais de um dia na localidade visitada, principalmente em casa de parentes e amigos.
- O *secular* – Morador da cidade, visita a localidade por curiosidade e/ou para aproveitar o tempo da festa em seu aspecto profano, efetuando compras ou consumindo alimentos e bebidas no lugar onde acontece a festa.

Como visto, tanto os *excursionistas* como os *turistas convencionais ou seculares*, que aqui poderiam se adequar melhor ao segmento de Turismo Cultural *ainda* não fazem parte da realidade do santuário de Fátima em Fortaleza. Isto acontece pelo fato do santuário de Fátima na cidade não ser tido como uma localidade propriamente turística, visto que ainda hoje o grande produto desta e do estado como um todo estar vinculado ao turismo de sol e praia.

Os *excursionistas* e *turistas* caracterizados também como *fiéis*, se qualificam como tal principalmente pelo deslocamento e consumação que efetuam, elementos estes caracterizadores do fato turístico, embora os mesmos não constem muitas vezes nos altos turísticos das instituições responsáveis.

### **Para além do ritual: as demandas políticas e a construção da nova estátua**

No dia 13 de maio de 2008 é inaugurada a estátua de Nossa Senhora de Fátima. Efetivação de território? Ampliação de limites? O fato é o seguinte: a inauguração é marcada por grande festividade como em realidade comumente acontece nos dias 13 de maio.

Do mesmo modo que em 1952, quando na vinda da santa peregrina para Fortaleza, os especialistas do sagrado, como demomina Rosendahl, ficam lado a lado de representantes do poder político da cidade, entre eles, a prefeita de Fortaleza Luiziane Lins e o vereador Walter Cavalcante – também articulador da construção da Estátua de Nossa Senhora da Assunção no Santuário de igual nome e da estátua de Nossa Senhora de Fátima, localizada na praça Pio IX, em frente a Paróquia.

A inauguração é acompanhada de discursos politico-religiosos, por parte dos políticos e depois finalizada com a bênção da estátua que logo tem sua hierofania efetivada, institucionalizada junto aos fiéis que a tocam, se ajoelham e rezam a sua frente.

Em um contexto escalar de olhar mais amplo, fica fácil perceber que a estátua chega em um momento em que outros territórios de convergência, mais especificamente de Fátima, estão prestes a ser inaugurados ou construídos. Em São Gonçalo do Amarante, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, no planalto de Ibiapaba e, nos limites entre Crato e Juazeiro do Norte, no Cariri cearense a estátua de Nossa Senhora de Fátima ainda a ser construída.

Podemos questionar novamente: Efetivação de território? Ampliação de limites?

Em realidade, as duas coisas. Em um contexto cada vez mais recheado de religiões civis, de sacralidades profanas, a igreja só está realizando o papel sócio-político e espacial que sempre realizou desde sua existência. Na cidade estabelece princípios de ordem (cosmológicos e cosmogônicos) ante uma crescente profanidade. Em um contexto regional (no âmbito do estado), amplia os limites devocionais de Fátima, buscando garantir maior contingente de fiéis.

Como já indicara Rosendahl (2001, 2003) a igreja em sua dimensão política tem um relevante conhecimento do espaço em que atua, deste modo quando necessário, difundindo, criando novas paróquias e santuários ou os/as fragmentando, estabelecendo assim novos territórios e territorialidades.

Para finalizar esta parte do trabalho, tomando de empréstimo as palavras de Haesbaert (2006, p. 121),

Podemos, então, sintetizar, afirmando que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados.

### **Para além dos territórios – o ideário católico em rede**

Para encerrar estas primeiras colocações sobre o santuário de Fátima em Fortaleza – CE, nossa primeira colaboração para a compreensão da dinâmica relacionada a este bairro-santuário, vale certamente darmos agora uma maior ênfase a discussão sobre a territorialidade de Fátima em uma perspectiva reticular. Território e rede que segundo, Haesbaert (2006) são conceitos indissociáveis.

Tomando como base o ideário de Ortiz (2002) e Dolffus (1993) que consideram a instituição Igreja uma *transnacional da fé*, ou mesmo um grande exemplo para o Estado-Nação no que tange a sua articulação reticular e por conseguinte de ampliação territorial e identitária.

Devido à sua vocação transnacional, a religião, pelo menos em tese, pode atuar de forma mais abrangente sem o contrangimento das forças locais. Digo “local” por que o termo é revelador. Diante do processo de globalização o estatuto da nação passa por uma mudança radical, ele caminha do “universal” para o “particular” (ORTIZ, 2002, p. 80).

“Vítima” de preceitos ideológicos pós-modernos que compreendem a fragmentação, os Estado-Nações se vêm entre nacionalismos exacerbados, porque forçosos e por isso mesmo de pouca proximidade com seus cidadãos e, fundamentalismos identitários como, bem explica Hall (2006), motivados por hibridismos culturais.



Nesse contexto, o “universalismo” católico mais facilmente se adequa aos condicionamentos pós-modernos principalmente estabelecidos pela globalização. O transnacionalismo de tal instituição entendemos como uma articulação, contato, entre territórios diferentes que, ligados por pontos (fixos) estabelecem deste modo redes passíveis de escapar facilmente de um contexto territorializado – no sentido de delimitação dos lugares sagrados.

Sendo assim, como já indicara Steil (2001), a partir da possibilidade que a Igreja tem de junção entre a religiosidade popular e a religiosidade clerical (um hibridismo de culturas em princípio diferenciáveis), os limites territoriais tornam-se em verdade praticamente infinitos (finitos certamente na perspectiva terrestre) o que faz conjugar um emaranhado de pontos com fluxos hierárquicos, contudo organizacionais, possíveis de dinamizar e ampliar a territorialidade católica em termos de mundo.

A globalização certamente dá novos ares a construção político-territorial católica, ao nosso ver, sempre ligada aos mais novos paradigmas seculares e articulações organizacionais, em uma sincronia contínua e, diga-se de passagem, tênue entre o sagrado e o profano.

Eis a evocação de uma das leis mais primitivas que se tem conhecimento no que tange a vida na Terra: a lei da sobrevivência, uma organizada, articulada, hierarquizada, territorializada, ordenada, profana, porém, acima de tudo, sagrada lei da sobrevivência.

### **Considerações finais**

Como vimos, a dinâmica que pode estar envolta à um santuário metropolitano é das mais complexas. Elementos os mais diversos, sejam estes sociais, políticos, econômicos e/ou culturais tem de ser considerados, na tentativa de se abarcar a possibilidade de entender o todo mesmo a partir de um recorte espacial peculiar, de uma escala geográfica somente, mas que em realidade revela muito mais do que, em primeira instância, pode ser percebido.

Esta é nossa, como já havíamos dito, primeira, certamente não última, contribuição para compreensão da dinâmica de um santuário metropolitano, no nosso caso, o de Fátima em Fortaleza – CE.

### **Referências**

- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. In: *GEOgraphia*. Ano I, número 2, 1999, p. 07-26.
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: CTHS, 1990.
- DOLLFUS, Olivier. Geopolítica do sistema-mundo. SANTOS, Milton et al (orgs). In: *O novo mapa do mundo: fim do século e globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação as culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, P.C. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, R.L (orgs). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARX, Murillo. *Nosso chão: do sagrado ao profano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

- OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. *Basilica de Aparecida: um templo para a cidade mãe*. São Paulo: Olho D'água, 2001.
- ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. In: *Imaginário*. USP, n° 8, 2002, p. 69-94.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo, Ática, 1993.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.
- ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias. et al (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim so século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 119-153.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 187-224.
- SETUR. *Indicadores turísticos do Ceará: 1995/2006*. Governo do Estado do Ceará, Maio de 2007.
- SOUZA, Marcelo J. L. de. A expulsão do paraíso. O “paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial. In: CASTRO, Iná E de. et al (orgs). *Explorações geográficas: percursos no fim so século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 43-88.
- SOUZA, Marcelo J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al (orgs). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005, p. 77-116.
- STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA; Vincent Victor (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 9-40.